



NO CENTRO DA PERIFERIA: O (ENTRE) LUGAR DE VIRGÍNIA EM *CIRANDA DE PEDRA*

IN THE CENTER OF THE PERIPHERY: THE (IN BETWEEN) PLACE OF VIRGINIA IN *CIRANDA DE PEDRA*

Roniê Rodrigues da Silva*
Licilange Gomes Alves**

* ronierodrigues@uern.br
Professor Doutor do Departamento de Letras Vernáculas e do
Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do
Rio Grande do Norte.
** licilangealves@hotmail.com
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL pela
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

RESUMO: Artigo de natureza teórico-bibliográfica cujo objetivo consiste em analisar questões de desigualdade no romance *Ciranda de Pedra*, de Lygia Fagundes Telles, através da personagem Virgínia, observando como são construídas as situações antidemocráticas que atravessam a trajetória da protagonista. Desse modo, irá refletir-se, paralelamente, sobre questões pertinentes às relações entre soberanos e subalternos à luz das concepções, especialmente, de Jean Jacques Rousseau (1989), que trata do surgimento da desigualdade, Michel Foucault (1996), que discute sobre as posições ocupadas pelos diferentes discursos em sociedade e dos interditos que os atravessam, e Antonio Candido (1995a), que trata da necessidade de democratização da literatura. Considera-se relevante também o levantamento das discussões de Norberto Bobbio (1986) e (1998) e Marilena Chauí (2008) sobre democracia. Em termos de análise literária, o estudo será norteado pelas considerações de Antonio Candido (1995b).

PALAVRAS-CHAVE: *Ciranda de Pedra*; Democracia; Opressão; Exclusão.

ABSTRACT: With a theoretical-bibliographic nature, this paper aims at analyzing questions about inequality in Lygia Fagundes Teles' novel *Ciranda de Pedra* through the character Virgínia, observing how the situations of anti-democracy are built during the main character's path. Thereby, we will, in parallel, ponder upon relevant issues about the relation between sovereigns and subordinates, specially some authors' conceptions on the matter such as Jean Jacques Rousseau (1989), who addresses the emergence of inequality; Michel Foucault (1996), who discusses the positions taken by the different speeches in society and the interdicts that go through them; and Antonio Candido (1995), who cares about the need of democratization in literature. It is considered relevant also the discussions of Norberto Bobbio (1986) and (1998) and Marilena Chauí (2008) about democracy. In terms of literary analysis, the study will be guided by the considerations of Antonio Candido (1995b).

KEYWORDS: *Ciranda de Pedra*; Democracy; Oppression; Exclusion.

1. INTRODUÇÃO

Discursando sobre a origem da desigualdade, Jean Jacques Rousseau¹ adverte que quanto mais a sociedade evolui em progresso, mais ela recua em valores, isso porque a civilização caminha na contramão com a igualdade entre os sujeitos. O que se observa entre nós, civilizados, é uma relação de opressão em que uns dominam e outros padecem, vulneráveis aos caprichos daqueles.

Para este mesmo autor, a origem da igualdade é arbitrária, pois iniciou com alguém se apossando do que não era seu e, manipulando pessoas, tornou-se fundador da sociedade civil. Quando as propriedades foram crescendo, as pessoas em volta ficaram pobres sem ter perdido nada, sendo obrigadas a receber ou a roubar a subsistência das mãos dos ricos. Assim nasceram a dominação e a servidão. Os ricos passaram a querer apropriar-se dos mais fracos e a igualdade começou a transformar-se em desordem. A partir daí, relações entre opressor *versus* oprimido tornaram-se comuns, o que contribuiu para que a democracia se tornasse cada vez mais utópica.

Nesse contexto, variados são os discursos construídos, tanto do lado do opressor, quanto do oprimido, porém, o que eles têm em comum é o uso da linguagem social e historicamente construída com base nas relações de poder. Logo, questões acerca da linguagem pressupõem poder e estabelecem posições de desigualdade. Daí porque, sendo a literatura

um fenômeno linguístico eminentemente social, considera-se este espaço propício para levantar questões em torno dos diferentes discursos que circulam em sociedade, particularmente os das minorias.

Antonio Candido² discute sobre as necessidades de todo ser humano, como lazer, moradia, alimentação, enfim, direitos básicos cuja efetivação comprova a vigência da democracia. Assim, ele discorre em defesa da literatura como sendo, também, um direito de todo indivíduo, já que ela atua na sua formação. As manifestações literárias são formas de expressar a cultura, os sentimentos e as normas de cada sociedade e, conseqüentemente, elas configuram um modo de fazer com que estas sejam reconhecidas por sua singularidade. Assim, a literatura apresenta mais uma de suas funções: sinalizar uma identidade. “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.”³

A literatura expõe as problemáticas sociais, denunciando, criticando, ou, simplesmente, apontando outras possibilidades de enfoque sobre um mesmo objeto, daí porque ela não poder ser vista como inofensiva, já que exerce influências e, portanto, a sua negação representa o cerceamento de um direito do ser humano, logo, um ato destoante do que se conhece por democracia.

1. ROUSSEAU. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*.

2. CANDIDO. O direito à Literatura. In: *Vários escritos*.

3. CANDIDO. O direito à Literatura. In: *Vários escritos*, p. 113.

Etimologicamente, o vocábulo *democracia* origina-se de *demo*=povo e *kratós*=poder, logo, “poder do povo”. Assim, este termo pressupõe que a soberania é popular, portanto, ao contrário do que se costuma pensar, ela não reside naquele que lidera o povo. Para Norberto Bobbio⁴, o modelo ideal de democracia seria o de uma sociedade centrípeta em que todas as forças de poder convergem para o centro; porém, o modelo real que temos é o de uma sociedade centrífuga, cujas forças se esvaem desse centro e são espalhadas para várias direções. Seria, conforme o autor, a “sociedade policêntrica.”⁵

O filósofo político conceitua democracia como um “conjunto de regras que estabelecem quem está autorizado a tomar as decisões coletivas e com quais *procedimentos*.”⁶ Aquele que é incumbido de tal responsabilidade é eleito por um regime democrático. Essa seria a regra da maioria, pelo menos da maioria a quem compete tomar decisões para o coletivo. Aos que escolhem quem ficará no poder deve ser dada liberdade, opções de escolha e direito de expressar as próprias opiniões.

Já Marilena Chauí⁷ acredita que democracia não pode ser reduzida a esse conceito de regime político. Para ela, este termo *não pode ser comprimido* a essa ideia ambientada em um sistema de governo, pois representa mais que isso por tratar-se de um princípio da igualdade e da liberdade. Partindo desse pressuposto, em um contexto onde reina a democracia não pode haver níveis de superioridade e de inferioridade

“porque todos obedecem às mesmas leis das quais todos são autores.”⁸

Associada à ideia de democracia está a noção de igualdade, logo, o seu oposto, a desigualdade, estaria pressupondo a ausência dessa democracia. Segundo Chauí⁹, as disparidades sociais confluem para a ocorrência da desigualdade, impedindo a consolidação da democracia. Mas elas também podem ter um aspecto positivo: motivar os sujeitos a lutar por seus direitos, pois, para Bobbio¹⁰, as massas são aptas a promover a revolução em razão da desigualdade em que vivem.

Para a filósofa em questão, democracia consiste na criação de direitos, por isso é propensa à geração de conflitos. Ela *não promove consenso*, mas confrontos. É em razão disso que a democracia, ao longo das sociedades, sofreu interdições, pois através dela o conflito é considerado legítimo. A ausência de democracia, seguindo esse viés, representaria o disciplinamento de um povo quando este vive sob a égide de um regime ditador, pois a antidemocracia exclui e aniquila a igualdade entre os pares.

Neste artigo, o enfoque recairá na discussão de questões que perpassam relações de exclusão, apontando para uma antidemocracia, cujo objeto de pesquisa é constituído pelo romance *Ciranda de Pedra*, uma vez que a literatura tanto pode atuar em prol da democracia, como pode ser usada para

4. BOBBIO. *O futuro da democracia - Uma defesa das regras do jogo*.

5. BOBBIO. *O futuro da democracia - Uma defesa das regras do jogo*, p. 23.

6. BOBBIO. *O futuro da democracia - Uma defesa das regras do jogo*, p. 18.

7. CHAUI. *Cultura e democracia*.

8. CHAUI. *Cultura e democracia*, p. 67.

9. CHAUI. *Cultura e democracia*.

10. BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO. *Dicionário de Política*.

barrá-la, tecendo manipulações em favor de grupos majoritários. Considera-se que neste romance Lygia Fagundes Telles opta por fazer uma literatura favorável a reflexões sobre desigualdades, usando-a como ferramenta para dar representatividade às vozes silenciadas.

Nesta análise, o objeto será a protagonista Virgínia, visando mostrar, através desta personagem, situada numa esfera periférica, como é possível inserir no centro os grupos minoritários que sucumbem à dominação das hegemonias. Trazer estas parcelas oprimidas para o âmbito das discussões acadêmicas representa uma possibilidade de dar a elas representatividade e, assim, contribuir para a ocorrência da democracia.

2. NO CENTRO DA PERIFERIA: VIRGÍNIA NO DENTRO/ FORA DA CIRANDA

Uma vez que o objeto do presente artigo ambienta-se no suporte literário, mais especificamente, em uma narrativa, faz-se necessário levantar algumas discussões acerca dessa tipologia textual. Um de seus principais elementos é o enredo, haja vista nele estarem presentes os demais elementos da narrativa, como o espaço, o tempo, os personagens e o narrador.

No caso do romance, gênero no qual se estrutura *Ciranda de pedra*, a leitura familiariza o leitor com um emaranhado de acontecimentos organizados no enredo, juntamente com

as personagens que dão sentido a estes eventos. Antonio Candido considera indissociável a relação entre ambos os elementos, enredo e personagens, uma vez que

quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino – traçada conforme uma certa direção temporal, referida a determinadas condições de ambiente.¹¹

No exemplo de *Ciranda de pedra*, embora os acontecimentos não ocorram de modo linear, esses vão auxiliando o leitor a construir o complexo mosaico das relações familiares que delineiam o universo ficcional de Virgínia. As personagens desse romance ganham vida e abrigam toda uma significação dentro do enredo. As ações desempenhadas por estas e o sentido de suas intenções contribuem para o estreitamento dos vínculos entre a realidade extraliterária e a realidade ficcional. A personagem seria, portanto, “o que há de mais vivo no romance”¹² e a aceitação de sua “verdade” depende do leitor. Tal postura do crítico vai ao encontro da consideração de Umberto Eco¹³ quando trata do acordo ficcional que deve haver entre autor e leitor no ato da leitura: o autor se propõe a construir toda aquela ficção e o leitor deve se dispor a aceitá-la como verdade para que assim o ato narrativo possa estabelecer sentido para ambas as partes.

11. CANDIDO. *A personagem de ficção*, p. 51.

12. CANDIDO. *A personagem de ficção*.

13. CANDIDO. *Seis passeios pelos bosques da ficção*.

Ciranda de pedra é dividido em dois momentos e o desenrolar das ações chega ao leitor de maneira fragmentada, do ponto de vista de Virgínia. Na primeira parte, Virgínia é ainda uma menina que mora com a mãe, Laura, e Daniel, a quem ela considera padrasto. Posteriormente, ela vai morar com a segunda família, formada por Natércio, um renomado advogado a quem ela julga ser seu pai, as irmãs, Bruna e Otávia, e a governanta, Frau Herta; e, logo depois, decide ir para um internato.

Na segunda parte, Virgínia retorna do colégio e vai morar novamente com o suposto pai, Natércio. Todavia, é preciso reconstituir parte da história não narrada de forma direta, mas que se pode subentender: Laura fora casada legalmente com Natércio com quem construiu uma família de classe média, apenas aparentemente feliz. Ela resolve libertar-se de sua clausura matrimonial quando conhece Daniel, médico da família. Tempos depois, Laura é acometida de loucura, separa-se de Natércio e vai morar com o amante Daniel e a filha Virgínia, fruto daquele adultério, causador de todos os conflitos que a menina vivencia no desenrolar do romance.

Virgínia experiencia diferentes conflitos originados, especialmente, pelo desejo de pertencer à própria família, situando-se, portanto, numa periferia, o que justifica o título deste trabalho. O cenário de marginalização desta personagem é notado logo no início do livro, quando a empregada Luciana

oferece um vestido, soltando o laço, objeto que une duas partes. Porém, quando Luciana desfaz este laço e entrega-o à Virgínia, simbolicamente isso pode representar o contexto em que esta vive: a separação de Laura e Natércio. Quando ela descobre que Daniel é seu pai biológico, já é tarde, pois ele se suicida. Deste modo, sua sina é viver em dissonância com o sentimento paternal. A menção ao laço logo no início da narrativa pode ser um prenúncio destes desenlaces que a protagonista viverá durante todo o livro.

Virgínia é sempre rechaçada, situação que, inclusive, inspira o título do romance, haja vista ela ser impedida de entrar na ciranda, conforme mostra esta cena: “Virgínia então subiu nos ombros do anão, ‘Vamos, abra a roda que eu quero passar!’. Perdeu o equilíbrio e sacudida por um riso forçado, deixou-se cair.”¹⁴ Neste trecho, ela está, literalmente, tentando entrar em uma roda formada por anões de pedra que ornamenta o jardim da casa de Natércio. Esta cena é bastante simbólica quanto à excludente realidade da menina: ao solicitar aos anões petrificados que abram a roda para ela entrar, vê que não consegue, pois a solidez do material com que aquela ciranda é feita impossibilita sua inserção.

Tal situação é idêntica ao que acontece com Virgínia em relação ao círculo formado pelas cinco pessoas – suas irmãs, Bruna e Otávia, e seus vizinhos, Afonso, Conrado e Letícia – das quais ela tanto deseja se aproximar, mas não é aceita, visto

14. TELES. *Ciranda de Pedra*, p. 73.

que estas a excluem por motivos diversos: ser a filha bastarda, ser criança, de classe econômica e nível cultural inferiores, enfim, por tudo Virgínia é tratada com desprezo e opressão. A ciranda de anões de pedra é, portanto, uma metáfora do contexto da menina, que, tendo seus direitos interceptados, fecha-se em si mesma. O círculo personifica o impedimento das pessoas com quem Virgínia quer se relacionar. A pedra da qual são feitos os anões representa a dureza dos sentimentos dos personagens que se recusam a aceitá-la.

Toda essa rejeição é sofrida por Virgínia em razão de seu discurso não ter credibilidade, já que não está situado em uma ordem – palavra bastante discutida por Michel Foucault¹⁵ – sendo, portanto, submetido ao silenciamento. Os discursos não legitimados advêm das minorias, isto é, daqueles que não são institucionalizados e que, portanto, residem no âmbito da antidemocracia. É o que ocorre com o discurso de Virgínia, constantemente cerceado pelos demais por não seguir uma ordem dos discursos.

O filósofo adverte, ainda, que, por meio do discurso, é possível manifestar inúmeras inquietações, por isso esse é considerado um elemento perigoso sobre o qual quase sempre operam diversos sistemas de coerção. Segundo ele, “[...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo”¹⁶, isso porque as regiões dos discursos não são

permitidas a todos, muito menos a uma criança, como é o caso de Virgínia na primeira parte do universo romanesco.

Retornando à simbologia do anão, nota-se que esta é uma figura presente em várias narrativas lygianas. Sobre o significado dessa recorrência, a autora do romance afirma que “Um anão de jardim para mim representa a impossibilidade de justiça, a impunidade, e a impossibilidade de liberdade”¹⁷, significações que vão ao encontro dos conflitos de Virgínia, injustiçada por ‘pagar’ pelos atos dos pais. Considerada ‘fruto do pecado’ da mãe adúltera com seu amante, a menina também sofre as consequências de uma espécie de maldição. Sua existência é marcada por um aprisionamento, pois ela se vê acorrentada a situações que, embora lhe façam mal, delas não pode se libertar.

3. O SIGNO DA ORFANDE EM VIRGÍNIA

Na primeira fase da narrativa, Virgínia é representada como uma menina que vive uma infância solitária e triste. Sonhadora, ela deseja muito ver os pais, Laura e Natércio, unidos novamente. Na primeira casa, não se sente à vontade por acreditar que seu lugar é na casa de Natércio e das irmãs e não na de Daniel e Laura, ambiente no qual se sente descontextualizada. Esta casa seria, então, um espaço ilegítimo para Virgínia, que admite, muitas vezes, não gostar do amante da mãe para não ‘trair’ aquele que acredita ser seu pai, Natércio.

15. FOUCAULT. *A ordem do discurso*.

16. FOUCAULT. *A ordem do discurso*, p. 37.

17. CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Lygia Fagundes Telles, p. 37.

Neste espaço, ela tem que conviver com a loucura da mãe e é cuidada por Luciana, que não lhe demonstra afeto, nem lhe dá atenção. Daniel, embora seja seu pai, é chamado pela menina de tio, uma vez que ela desconhece o laço paterno e a relação entre ambos também é distante.

Pode-se deduzir que Virgínia vive em uma situação de orfandade, já que não é tida como filha nem do casal Laura/Natércio, nem de Laura/Daniel, por esta relação ser ilegítima. No fragmento seguinte, Virgínia está recebendo ordens de Luciana, a qual, igualmente à menina, também é subjugada, já que vive sob o domínio dos patrões, Daniel e Laura: “— A senhora não comeu as torradas — observou ela. E voltando-se para Virgínia: — Então, só cinco minutos. E não fale muito. Não fale muito, está me compreendendo?”¹⁸. Note-se que aqui a empregada assume, em relação à Virgínia, um posicionamento opressor, demonstrando que a sua identidade de serviçal oprimida é flutuante.

Se, por um lado, a criança e a empregada ocupam o lugar de sujeitos oprimidos quando comparadas a Daniel e Laura, o mesmo não se revela no tratamento que Luciana dispensa à menina, que é tratada com autoridade. Assim, nas suas ações com a criança, a empregada desloca a sua posição de oprimida a opressora. Abaixo, um fragmento que mostra Virgínia tentando conversar com a mãe. Aqui ela conta um fato ocorrido em uma festividade da escola, porém inventando certas

coisas numa tentativa de tornar as situações que vivencia favoráveis a ela, sem sofrer rejeições:

— Cada menina representava uma estação do ano. Eu... — reuiu-se entre as rejeitadas no fundo da sala, os olhos pregados no palco, as mãos torcendo o programa. — Eu fui a Primavera. Dona Otília fez nossos vestidos de papel crepom, o meu era cor-de-rosa, todo cheio de flores, e na cabeça eu tinha...¹⁹

Através dos acréscimos que cria, Virgínia busca reinventar-se, trazendo um tom colorido às fantasias que seu mundo pueril imagina e que lhe possibilitam vivenciar alegrias, pelo menos em seus devaneios. Importante frisar que ela só compartilha suas invenções com a mãe. Primeiramente, por esta ser a pessoa a quem ela mais ama, e depois, talvez por achar que a insanidade da mesma a induz a acreditar nas histórias que ela conta.

Ainda na primeira parte da narrativa, Virgínia sai da casa de Daniel e muda-se para a mansão de Natércio. Nesta segunda casa, a menina não passa de uma visita à qual ninguém atribui muita atenção, tendo sua presença apagada em certas ocasiões. As irmãs lhe tratam com frieza; Natércio, sabendo não ser seu pai, também. Nem mesmo os amigos vizinhos fazem qualquer questão de integrá-la ao grupo. Todos se bloqueiam para monopolizar seus territórios, isto é, para

18. TELLES. *Ciranda de Pedra*, p. 18.

19. TELLES. *Ciranda de Pedra*, p. 52.

que seus espaços de brincadeiras e carinho não sejam democratizados a Virgínia.

Ao ir morar nesta casa, Virgínia não se sente acolhida, uma vez que passa a perceber que está em um contexto hegemônico no qual se vê subjugada por várias forças de poder. Todos os moradores demonstram alguma superioridade, seja por fatores econômicos, ou mesmo pela aparência física; cada um possui algum motivo para se considerar soberano em relação a ela. Dessa forma, Virgínia desponta quase sempre subjugada por diversas forças de dominação.

Essa banalização da idade menor destrói o mundo de fantasias da menina que, excluída das brincadeiras, das decisões e do carinho dos adultos, é sempre considerada ingênua e sem graça. No trecho que segue, Frau Herta está entrando no carro após ter ido pegar Virgínia na casa da mãe para visitar o pai Natércio no casarão onde mora. Ela se dirige a Virgínia dando-lhe ordens de forma grosseira:

— Não fique assim espetada, pode encostar — observou Frau Herta batendo de leve nas costas de Virgínia. Na sua voz havia indulgência e ao mesmo tempo uma certa irritação. — E tire a mão da boca. Virgínia corou ao afundar-se na almofada do automóvel. Por que Frau Herta lhe falava sempre naquele tom? Não era assim nem com Bruna nem com Otávia. “Mas nenhuma delas se senta como eu”, pensou num desconsolo.

Puxou o vestido sobre os joelhos. Elas eram tão naturais, sem inibições, com um ar assim de donas do automóvel, donas de tudo mas sem constranger as pessoas. Jamais Frau Herta lhes precisaria dizer: “Estejam à vontade.”²⁰

O modo rude como a governanta fala com Virgínia é observado pela própria menina que nota a diferença no trato com suas irmãs, especialmente com Otávia, a quem Frau Herta dedica toda atenção. Virgínia se sente constrangida e desconsolada pela forma como é cuidada. A situação acaba fazendo com que a própria menina se convença de que Frau Herta está certa em atendê-la daquela maneira, pois acredita que suas irmãs são refinadas, logo sendo desnecessário que sejam advertidas por maus modos.

Frau Herta, a todo momento, corrige Virgínia, mesmo com um simples olhar, estabelecendo comparações entre ela e as outras irmãs com a intenção de excluí-la. Ela chama constantemente a atenção da menina por considerar que esta não segue os padrões esperados. Vê-se, assim, que no contexto da casa de Natércio, Virgínia é constantemente censurada. Diante do tratamento que recebe, ela queixa-se da falta de carinho, já que vive recebendo ordens de todos da casa, onde é vista com desdém. Esse novo espaço que passa a ser habitado pela menina abriga uma notável ausência de sentimentos, especialmente em relação a ela. Observe-se o seguinte trecho

20. TELLES. *Ciranda de Pedra*, p. 33-34.

em que, sentada à mesa com Natércio, Virgínia se sente bastante acanhada por não conseguir assimilar e por em prática todas as regras que lhe são impostas por aquele contexto:

— Coma, Virgínia. Seu almoço já deve estar frio. Ela estremeceu. Aquela voz era ainda mais fria do que a comida refugada no meio do prato.

— Não, pai, já comi muito. — Você quer dizer que está satisfeita. O resto do sorriso que ainda conservava esquecido na boca desfez-se rápido. — É, estou satisfeita. — Não encha assim o prato para depois deixar tudo, não é certo fazer isso. E descruze esse talher, ponha a faca ao lado do garfo simplesmente, os dois lado a lado.²¹

Depreende-se que Virgínia sente vergonha da sua ignorância. Por qualquer motivo ela é repreendida e, nessa fala do pai, se antes ela tinha dele uma imagem de autoritarismo, agora suas impressões se confirmam, uma vez que ele sempre se dirige a ela somente para chamar sua atenção por seus modos. Não é à toa que a alusão à 'frieza' aparece enfatizada no trecho duas vezes seguidas: na primeira, sendo empregada em seu sentido literal, referindo-se ao almoço, e a segunda, no sentido figurado, pois é nítida a frieza com que Natércio trata a menina.

Na fala de Natércio, nota-se, ainda, uma marca cultural que ele tem acerca dos conceitos de certo e errado, expressa

pelo rigor exigido por ele no momento da refeição. Pouco tempo depois, Virgínia fica sabendo por Luciana da morte da mãe e do suicídio do pai biológico, Daniel, acontecimentos que tornam a menina ainda mais infeliz naquela morada. Vê-se assim que não é dado a Virgínia o poder de decisão, tendo que adaptar-se a receber ordens e obedecê-las.

A inserção nesse novo contexto familiar provoca uma mudança na personalidade de Virgínia, conforme percebe-se em uma das falas de sua irmã Bruna, por meio da qual constata-se determinada necessidade de abandono da inocência infante que lhe é roubada pelo poder que as pessoas dessa outra casa passam a exercer sobre ela: "Já está em tempo de você ficar sabendo certas coisas, não tem cabimento falar a vida inteira como uma criança, preste atenção..."²² Consoante com a fala da irmã, o tempo agora é outro, marcado por uma transição entre o que a menina pode saber e o que dela se esconde.

O romance em questão denuncia o trato que os adultos, no contexto ocidental, sempre tiveram com o infante. Historicamente, todas as sociedades lidaram com a infância, diferindo de acordo com a cultura de cada época e lugar. Em razão disso, cada coletividade configurou esta fase de um modo particular. Normalmente, a criança é educada à margem da democracia, já que somente o adulto é detentor de maturidade, portanto, ela é orientada pela retidão que apenas ele conhece.

21. TELLES. *Ciranda de Pedra*, p. 69.

22. TELLES. *Ciranda de Pedra*, p. 37.

Virgínia, no final da primeira parte do romance, para fugir de toda aquela atmosfera de autoritarismo que encontra no próprio lar, resolve sair da casa de Natércio e vai morar em um colégio interno. É interessante perceber que essa primeira parte encerra no sétimo capítulo, indicando o fechamento de um ciclo na vida da personagem. A infância de solidão, a morte da mãe e do pai Daniel, a rejeição do círculo formado pelos amigos e pelas irmãs, tudo isso ficou para trás e uma nova fase inicia-se nessa segunda parte, com Virgínia mais madura, transformada numa mulher.

O colégio interno é um lugar bastante indesejado, tanto pela clausura quanto pela rígida rotina que imposta. Entretanto, para Virgínia, esse ambiente se torna uma espécie de libertação, pois, sem ter conseguido encontrar-se em nenhuma das casas onde morou, devido a toda rejeição que sofrera, o confinamento se mostra a ela como uma solução. No ambiente do internato, ela encontra outras formas de controle advindas do tradicionalismo das freiras. Neste espaço, as internas vivem sob o mando das religiosas, que controlam desde as roupas que as alunas usam, sua rotina, seu comportamento, até os livros que leem, enfim, tudo acontece conforme o consentimento das dirigentes.

A realidade desse novo contexto vai ao encontro das considerações de Michel Foucault²³, para o qual a instituição escolar é um instrumento disciplinador que visa moldar

os indivíduos de acordo com as exigências da sociedade, tornando-os dóceis e flexíveis, contraditoriamente, para a prática da democracia. É curioso notar que no regime desse ambiente onde o indivíduo passa boa parte da vida sendo transformado em objeto do poder disciplinar, considera-se necessário oprimir para formar um sujeito democrático, isto é, livre, segundo as regras sociais.

Virgínia e as colegas de internato não podiam ter qualquer forma de envolvimento com o sexo oposto e, caso contrariassem, eram censuradas pelas freiras. Essa é, portanto, uma forma de exercer controle sobre seus corpos, reprimindo seus sentimentos e instintos femininos. Todo esse contexto de repressão pelo qual a personagem passa ao longo da narrativa lembra o panóptico, desenvolvido por Jeremy Bentham e estudado por Foucault²⁴, uma vez que a menina vivia sempre cercada por ‘vigilantes’.

Do ponto de vista da estrutura física, o panóptico trata-se de um projeto arquitetônico criado no século XVIII com o objetivo de servir como instrumento disciplinador para vigiar hospitais, escolas, presídios, dentre outras instituições que lidam com pessoas consideradas carentes de correção segundo as convenções sociais. De uma interpretação literal para outra de natureza mais metafórica, verifica-se que os ambientes nos quais Virgínia vive são uma espécie de panóptico: na primeira casa onde mora, ela vive sob a vigilância

23. FOUCAULT. *Microfísica do poder*.

24. FOUCAULT. *Microfísica do poder*.

de Luciana e Daniel. Quando vai para a segunda casa, passa a ser observada por Frau Herta, Natércio e pelas irmãs mais velhas, Bruna e Otávia. E, por fim, quando resolve ir para o internato, passa a ser vigiada pelas freiras.

Embora Virgínia normalmente seja resignada, há determinados momentos da narrativa em que ela busca reagir àquilo que lhe parece imposto. Exemplo disso é o que se pode verificar na cena em que ela encontra uma Bíblia e lê um trecho outrora mencionado pela irmã Bruna:

A voz de Bruna vinha lá de baixo, autoritária. — Virgínia! Você não está me ouvindo? Virgínia, responda! Instintivamente ela se voltou para a estante e procurou sôfrega o livro de capa preta. Achou-o logo com suas letras de um ouro já gasto: Bíblia Sagrada. Reviu aqueles lábios rígidos. *Se um homem dormir com a mulher de outro, ambos morrerão...* Apertou o livro tentando cravar as unhas na capa. Aproximou-se da janela. E atirou-o com força na tempestade.²⁵

Percebe-se aqui a ratificação de um autoritarismo explícito no modo como Bruna se dirige a Virgínia: a irmã mais velha age com a mais nova como se lhe desse ordens. Todavia, o que nos surpreende na cena são as ações de Virgínia, que não desiste de procurar o exemplar da Bíblia. De posse do livro, ela depara-se com a frase já citada acima

e que lhe lembra o adultério da própria mãe com Daniel, motivo pelo qual considera estarem ambos mortos agora.

Interpreta-se a ação de arremessar a Bíblia como uma metáfora de que a protagonista está buscando subverter essa força de poder representada pelo livro e pelo sistema religioso do qual ele faz parte e que, de alguma maneira, também tenta aniquilá-la, já que ela, do ponto de vista cristão, resulta do pecado. A mudança radical de comportamento passa a ocorrer, sobretudo, quando Virgínia retorna do internato e começa a beber, fumar e manter uma vida sexual desregrada em relacionamentos sem compromisso. Nesse momento, ela assume uma postura totalmente oposta ao que os demais esperavam dela. Virgínia passa então a mostrar resistência diante das situações que lhe oprimiam.

Virgínia percorre todo um caminho que a leva ao amadurecimento intelectual, haja vista que retorna do internato com um distinto nível cultural – conhecedora das letras, sabendo falar vários idiomas – e físico – notado nos comentários que são feitos à mulher na qual ela se transformou. Porém, mesmo com toda essa refinada educação que adquiriu, Virgínia continua não conseguindo se encaixar nos moldes do meio onde volta a residir.

Ao retornar à antiga casa e ao convívio com todas aquelas pessoas que propiciaram a Virgínia momentos ruins, vêm à tona lembranças que a fazem reviver todo aquele clima de

25. TELLES. *Ciranda de Pedra*, p. 84-85.

inferioridade e rejeição dentro do qual viveu durante tanto tempo.

4. A TRANSCENDÊNCIA DE VIRGÍNIA NO ESFACELAMENTO FAMILIAR

Retomando a personagem central na segunda fase da narrativa, quando esta retorna do internato, Virgínia, que antes era excluída da ‘ciranda’, torna-se desejada – por Afonso, Rogério e Letícia – o que não significa que é amada. De modo geral, a menina vive em função da conquista de seu espaço, embora esse lugar, às vezes, seja o seu próprio eu tentando compreender-se em meio às situações em que vive. O pensamento e a conduta de Virgínia mudam na segunda parte da narrativa, mostrando a sua maleabilidade diante das situações que a oprimem. Seus anseios e suas opiniões vão se modificando de acordo com as situações que os ambientes e as pessoas lhe proporcionam.

Rousseau²⁶ afirma que a sociedade humana parece mostrar a violência dos homens poderosos e a opressão dos fracos: o espírito se revolta contra a dureza de uns e é levado a lastimar a cegueira de outros. O filósofo concebe duas espécies de desigualdade: uma *natural empírica*, estabelecida pela natureza e que consiste na diferença das idades, da saúde e das forças do corpo; e uma *moral ou política*, a qual depende de uma convenção estabelecida pelo consentimento dos

homens. Consiste nos privilégios de que gozam alguns com prejuízo de outros, como ser mais rico, mais honrado e mais poderoso. Virgínia encaixa-se em ambas por tomar a beleza física da irmã Otávia como referência e julgar-se inferior, e por considerar todos da outra família, a de Natércio, economicamente melhores. Estes, por se sentirem superiores, acreditam que a menina lhes é subjugada.

Ao planejar uma viagem que resolve fazer, Virgínia reflete sobre a fuga como possibilidade de solução:

E aqueles longos anos de desvairados sonhos não seriam as fugas verdadeiras, com os pés ancorados? “E mesmo que seja esta uma fuga”, admitiu com humildade. Podia ser a mais frágil das soluções, mas não lhe daria, pelo menos por ora, nenhum sofrimento. Já bebera muito da sua taça e embora estivesse convencida de que ainda restava algo no fundo, uma voz lhe soprava que agora era a trégua.²⁷

Para Virgínia, o mundo apresenta-se como uma estrutura incoerente que contribui para que ela se sinta pequena, impotente e solitária. Observa-se assim um caráter degradado dessa problemática heroína, que tende a uma fuga da realidade conflituosa na qual ela sofre, mas com a qual aprende com as experiências que vai adquirindo ao longo da vida.

26. ROUSSEAU. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*.

27. TELLES. *Ciranda de Pedra*, p. 177.

28. SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*.

O crítico Silviano Santiago²⁸ discute sobre a atual posição do colonizado (subalterno) e do colonizador (superior) no terreno da literatura latino-americana. Embora não exista relação direta, é possível ambientar essa discussão no enredo do romance, observando que Virgínia vive uma espécie de não-pertencimento, já que não se sente à vontade na primeira casa onde morava com Daniel, Luciana e a mãe, mas também não consegue se realizar morando na casa de Natércio com suas irmãs. Virgínia estaria, assim, situada em um (entre)lugar. Partindo destas percepções, qual seria, portanto, o lugar ocupado por Virgínia em meio àqueles contextos hostis?

29. SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*.

Pode-se fazer uma analogia entre as considerações de Santiago²⁹, comparando Virgínia com o selvagem (colonizado), e Bruna com o branco europeu (colonizador), que busca impor suas ideologias como virtudes absolutas. Afinal, conforme Lévi-Strauss, “Os brancos proclamavam que os índios eram animais, estes limitavam-se a supor que os primeiros fossem deuses.”³⁰ Essa opinião pode ser associada ao relacionamento que Virgínia tem com as irmãs, especialmente com Bruna, que se considera detentora da Palavra de Deus, achando que a menina precisa dela para “crescer”. Virgínia é vista como selvagem, já que não sabe se comportar à mesa, não lê a Bíblia e não tem postura nem maturidade para conversar civilizadamente.

30. LÉVI-STRAUSS (p. 83 apud SANTIAGO). O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*, p. 12.

Os argumentos utilizados para reprimir Virgínia são tantos que a própria se vê como inferior àquele contexto e considera os integrantes da ciranda, especialmente Bruna e Otávia, como semideuses. Estas julgam-se superiores à irmã mais nova, relação que, de fato, assemelha-se à descrita pelo crítico acima entre índios e europeus. Do mesmo modo que as doutrinas dos europeus são nocivas aos indígenas, a atmosfera dos ambientes frequentados por Virgínia (casa de Daniel, casa de Natércio, internato) não faz bem à protagonista.

A infância da personagem é marcada pelos conflitos familiares em que é obrigada a viver. Os outros é que constroem a subalternidade de Virgínia, haja vista que “[...] a inferioridade é controlada pelas mãos que manipulam a generosidade e o poder, o poder e o preconceito”³¹, conforme lê-se em Santiago. Aqueles que se julgam possuidores de poder, seja ele financeiro ou apenas ideológico, consideram-se aptos a controlar o subalterno e manipular sua soberania da forma que lhe for conveniente.

Como resposta à pergunta feita anteriormente sobre o possível lugar ocupado por Virgínia em meio à hostilidade na qual vive, pode-se dizer que a personagem está no (entre)lugar de subalterna, termo que ocupa o centro das considerações da crítica indiana Gayatri Chakravorty Spivak, discorrendo sobre a posição do intelectual pós-colonial e do

31. SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*, p. 15.

subalterno. Aqui ela tem como uma de suas preocupações afrontar os discursos hegemônicos.

Para a autora, o termo subalterno refere-se

as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante.³²

Nenhum ato de resistência em prol do subalterno pode ocorrer sem estar relacionado ao discurso hegemônico. As tentativas de enfrentamento precisam estar imbricadas nos discursos tidos como superiores, uma vez que é o pertencimento, esse fazer-parte, que possibilita a sensação de estar inserido numa igualdade. Na busca de descobrir esse sentimento é que a personagem central do romance resolve partir.

Apesar de bastante rechaçada por praticamente todos, Virgínia termina mostrando uma fortaleza de mulher decidida, não porque saiba o destino que quer seguir, mas por entender o que não quer mais, aquilo que não lhe convém, onde não lhe cabe, já que ela passa toda a narrativa se apertando para encaixar-se nos círculos afetivos. Virgínia passa a devir, termo “próprio do desejo (máquinas desejantes ou agenciamentos): desejar é passar por devires. Deleuze e

Guattari enunciam isso no *Anti-Édipo*, mas só fazem disso um conceito específico a partir do Kafka.”³³ De modo semelhante à Virgínia, também a inglesa Virgínia Woolf atuou, em se tratando de sua produção. Segundo Gilles Deleuze e Félix Guattari, esta autora não parou de devir em toda a sua obra, construindo subjetividades diversas para a mulher.

A única maneira de sair dos dualismos, estar-entre, passar entre, *intermezzo*, é o que Virgínia Woolf viveu com todas suas forças, em toda sua obra, não parando de devir. A moça é como o bloco de devir que permanece contemporâneo de cada termo oponível, homem, mulher, criança, adulto. Não é a moça que se torna mulher, é o devir-mulher que faz a moça universal [...]”³⁴

É esse *intermezzo* discutido pelos filósofos que a personagem Virgínia busca como tentativa de sair desses “entres” que ela atravessa durante toda a narrativa quando alcança o seu devir-mulher. Ela não quer mais espremer-se para caber em espaço nenhum. Agora Virgínia deseja produzir suas próprias afetividades e descobrir suas subjetividades, daí toma a decisão de partir para um lugar qualquer.

É o que se nota na superação que a personagem vivencia ao final da obra e é esta a transcendência à qual se refere o título deste tópico. Virgínia sai sem destino, mas o que essa postura demonstra é que ela, do *status* de oprimida por vários fatores

33. ZOURABICHVILI. *O vocabulário de Deleuze*, p. 24.

34. DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*, p. 69.

32. SPIVAK. *Pode o subalterno falar?*, p. 13-14.

– como pertencer a uma classe econômica menos prestigiada, ser criança (na primeira parte do romance), do sexo feminino e fruto de um adultério – encerra a narrativa assumindo a postura de uma pessoa segura que demonstra superação e vai em busca de conquistar o seu lugar no mundo, almejando explicações que possam dar significado à sua existência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da personagem Virgínia é possível notar as situações de opressão que perpassam sua trajetória, tanto durante a infância quanto na fase adulta. Os conflitos vivenciados pela protagonista revelam-se como consequência desse contexto de desigualdades, construído pelos demais personagens que preferem ser uma *ciranda de pedra*, isto é, um entrave à inserção de Virgínia em seu círculo.

Na primeira parte do romance, Virgínia rejeita a si própria, não gosta de sua aparência, pois se julga feia justamente por não se assemelhar às irmãs. Somando-se a isso, a forma rude e grosseira com que é tratada na casa do padrasto Natércio faz com que a menina alimente um sentimento de inferioridade por si mesma e sofra de solidão.

Verificamos que a Virgínia não é dada nenhuma credibilidade porque seu discurso não obedece à ordem padrão daquele contexto excludente no qual reside, visto que os discursos são vigiados e, caso não sejam produzidos de acordo

com o esperado, são interditados, pois há, em nossa sociedade, procedimentos de exclusão, sendo o da interdição o mais notável, logo, não se pode dizer tudo o que se quer em qualquer lugar e circunstância.

Virgínia nutre em si um anseio por liberdade. Ela deseja encontrar-se nos ambientes hostis onde tenta se encaixar, porém não consegue. No final da narrativa, decide ir embora para um país qualquer a fim de conhecer o mundo e fugir do universo conflituoso que lateja dentro de si. Ela descobre que ninguém daquela ciranda é inatingível, todos têm suas fraquezas e tentam escapar de suas conflituosas realidades.

Virgínia volta do internato mais amadurecida e, de certa forma, resolvida em relação às coisas que não quer mais para si. Uma dessas diz respeito à sua inserção naquela ciranda composta por pessoas que a excluíram a vida toda. O não-pertencimento agora passa a ser escolha dela, que opta por não querer mais ser parte daquele contexto. O (entre)lugar, isto é, esta posição indefinida, torna-se escolha dela, que não quer mais estar em lado nenhum. A forma encontrada pela personagem para transgredir a opressão é através de relacionamentos fugazes e ceticismo.

Este artigo buscou trazer ao centro discussões em torno das minorias que padecem diante daqueles que se julgam soberanos, invertendo assim o conceito de democracia aqui trabalhado que considera ser o povo o ocupante legítimo

desse espaço de supremacia. Ao tomar consciência de sua condição, essas minorias podem se sobressair em razão do seu direito de luta que lhes é garantido pela democracia. Portanto, este escrito, ao propor reflexões acerca de possibilidades de resistência frente ao opressor, atende a uma das demandas das instituições de ensino superior que é estreitar os vínculos entre a pesquisa científica e as problemáticas que perpassam a esfera social.

REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia** - uma defesa das regras do jogo. Trad. Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. ; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Bobbio**. Trad. Carmen C. et al.. Brasília: Editora: Universidade de Brasília, 1998.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Lygia Fagundes Telles. Nº 5. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1998.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995a.

_____. ROSENFELDT, A.; PRADO, Décio de A.; GOMES, Paulo E.S. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1995b.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. **Crítica y emancipación**: Revista latinoamericana de ciencias sociales, Buenos Aires, v. 1, n. 1, p. 53-76, jun. 2008.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia, Vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.

ECO, Humberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

SANTIAGO, Silvano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, Silvano. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-26.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TELLES, Lygia Fagundes. **Ciranda de Pedra**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Ifch-Unicamp, 2004.